



O RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS PÓS-PANDEMIA E SEUS IMPACTOS NA VIVÊNCIA ESCOLAR DE ADOLESCENTES

EL REGRESO A CLASES PRESENCIALES POST PANDEMIA Y SUS IMPACTOS EN LA EXPERIENCIA ESCOLAR DE LOS ADOLESCENTES

THE RETURN TO PRESENTIAL CLASSES POST-PANDEMIC AND ITS IMPACTS ON THE SCHOOL EXPERIENCE OF ADOLESCENTS

Fernanda Carla Carolino Silva¹

Maria Eulália Dias Oliveira²

Liza Fensterseifer³

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo identificar e mapear os efeitos e impactos da pós-pandemia, no tocante à vivência escolar de adolescentes entre 12 e 17 anos, na percepção de professores, supervisores e/ou coordenadores pedagógicos. Uma das primeiras medidas adotadas para contenção da pandemia da Covid-19 foi o isolamento social, com consequente fechamento das escolas. Crianças e adolescentes tiveram que lidar com a falta de interação social, a mudança da rotina, o medo de adoecimentos e de morte, incertezas e com a falta de expectativa de quando tudo “voltaria ao normal”. As respostas a esse enfrentamento foram variadas e individualizadas, e algumas delas acabaram por envolver sintomas e comportamentos disfuncionais. Em face a este contexto, faz-se necessário interrogar sobre as repercussões pós-Covid-19, buscando entender como as restrições impostas durante a pandemia afetaram o retorno às aulas presenciais e a vivência escolar de adolescentes. Para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados foi realizada uma pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com 4 professoras e 1 coordenadora pedagógica de escolas privadas de Belo Horizonte. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os resultados obtidos revelaram que a pandemia deixou marcas e efeitos nos estudantes, que puderam ser observados no retorno às aulas presenciais, tais como a dificuldade na interação social, agressividade com colegas, uso desnecessário da máscara, dificuldade em seguir as regras e orientações da escola e dos professores, uso constante do celular dentro da sala de aula, entre outros. Estes achados demonstram a importância de se conhecer e compreender como os adolescentes foram afetados pela pandemia da Covid-19, pelo menos no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Aulas presenciais; Pós-pandemia; Adolescentes; Efeitos e impactos.

RESUMEN: El presente estudio tuvo como objetivo identificar y mapear los efectos e impactos después de la pandemia, sobre la experiencia escolar de adolescentes entre 12 y 17 años, en la percepción de profesores, supervisores y/o coordinadores pedagógicos. Una de las primeras medidas adoptadas para contener la pandemia de Covid-19 fue el aislamiento social, con el consiguiente cierre de escuelas. Los niños y adolescentes tuvieron que lidiar con la falta de interacción social, el cambio de rutina, el miedo a la enfermedad y la muerte, la incertidumbre y la falta de expectativas de cuándo todo “volvería a la normalidad”. Las respuestas a esta confrontación fueron variadas e individualizadas, y algunas de ellas terminaron involucrando síntomas y conductas disfuncionales. Ante este contexto, es necesario cuestionar las repercusiones que vinieron después del COVID 19, buscando comprender cómo las restricciones impuestas durante la pandemia afectaron el regreso a clases presenciales y la experiencia escolar de los adolescentes. Para alcanzar los objetivos propuestos, se realizó una investigación cualitativa, con entrevistas semiestruturadas a 4 profesores y 1 coordinador pedagógico de escuelas privadas de Belo Horizonte. Todos los participantes firmaron el Formulario de Consentimiento Libre e Informado. Los resultados obtenidos revelaron que la pandemia dejó marcas y efectos en los estudiantes, los cuales se pudieron observar al regresar a clases presenciales, como dificultad en la interacción social, agresividad hacia los compañeros, uso innecesario de mascarillas, dificultad para seguir las normas y pautas escolares y docentes, uso constante del celular en el aula, entre otros. Estos hallazgos demuestran la importancia de conocer y comprender cómo los adolescentes se vieron afectados por la pandemia de Covid-19, al menos a nivel escolar.

¹ Psicóloga Clínica, formada em Psicologia pela PUC Minas e pós-graduanda em Psicopatologia e em Psicologia baseada em evidências: Terapias Cognitivo-Comportamentais pela Faculdade Focus.

² Psicóloga Clínica, formada em Psicologia pela PUC Minas e pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) pela PUC Minas.

³ Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela PUCRS, professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas.

PALABRAS CLAVE: Clases presenciales; Despues de la pandemia; Adolescentes; Efectos y impactos.

ABSTRACT: present study aims to identify and map out the effects and impacts post-pandemic when it comes to adolescents between 12 and 17 years old and their school lives, according to teachers, supervisors and/or school coordinators. One of the first actions taken in order to hold the so-called Covid-19 pandemic was the school isolation, and consequently schools closing. Children and adolescents had to deal with the lack of social interaction, the change in their routine, the fear of getting sick or even dying. There were uncertainties and they didn't know when everything would go back to "normal" There were all kinds of answers and they varied from person to person and some of them ended up developing dysfunctional behaviours. Facing this context, it's necessary to inquire about the post-Covid 19's impact, trying to understand how the so imposed restrictions during the pandemic affected the return to presential classes and the adolescents' school living. To achieve the proposed goals a qualitative research was made inquiring four teachers and one educational coordinator from private schools in Belo Horizonte. All of them agreed formally (signing a formal free willing agreement document). The results showed that the first pandemic left hard effects on the students that could be noticed when they returned to their presential classes, like problems in social interaction, hostility with classmates, the unnecessary use of mask, trouble in following rules and school and teachers' guiding, the constant use of cellphone in class, among others. Those findings showed the importance of knowing yourself and understanding how the teenagers were affected by the Covid-19 pandemic, at least when it comes to school.

KEYWORDS: Presential classes; Post-pandemic; Adolescents; Effects and impacts.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como intenção discutir os impactos e efeitos da pós-pandemia na vivência escolar de adolescentes, com foco na identificação de comportamentos manifestos no retorno às aulas presenciais e nos principais desafios e dificuldades observados por professoras e coordenadora pedagógica de escolas de Belo Horizonte-MG. Esta discussão se faz relevante ao se considerar as imposições da pandemia aos adolescentes, no tocante à frequência às aulas presenciais e ao ambiente escolar.

As doenças infecciosas continuam sendo uma das maiores ameaças à humanidade. O vírus Sars-Cov-2, o patógeno causador da Covid-19, identificado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, é um exemplo disso. Segundo Sharma, Farouk e Lal (2021), a pandemia da Covid-19 é o maior surto de pneumonia atípica, desde 2002. No Brasil, o estado de emergência foi decretado em 12 de março de 2020, pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2020), e o primeiro caso registrado foi em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo-SP. Até o mês de setembro de 2020, todas as regiões do país tinham sido atingidas e registravam casos de Covid.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirmou, através do documento com o título “Saúde mental e considerações psicossociais durante o surto de Covid-19” (2020), que por ser um vírus muito transmissível, foi necessário promover medidas de contenção de sua transmissão. O isolamento social foi uma das primeiras medidas adotadas naquele momento, já que ainda não havia vacinas ou medicações. O uso das máscaras também passou a ser obrigatório e a constante lavagem das mãos e o uso do álcool em gel passaram a fazer parte da

rotina de todos, gerando uma série de impactos e desdobramentos na saúde física e mental de toda a população.

Apesar da população em geral ter sido acometida pelos efeitos da pandemia, um grupo em especial que sofreu muito com o distanciamento social e a suspensão de atividades presenciais de ensino foi o das crianças e adolescentes. Apesar da medida ter sido essencial, ela pode ter desencadeado um maior desconforto emocional e o aumento do risco de doenças psiquiátricas. (Silva; Rosa, 2021).

O Relatório de análise sobre os impactos Primários e Secundários da Covid-19 em Crianças e Adolescentes (Unicef, 2020), apresentou alguns dados referentes ao Brasil:

[...] 91% dos residentes com crianças e adolescentes em idade escolar relataram que elas deram continuidade às atividades escolares em casa, sendo que os 9% que disseram que os estudantes com quem residem não têm realizado atividades escolares à distância, correspondem a 4 milhões de residentes com crianças e adolescentes. Entre os residentes com estudantes de escola particular, a proporção dos que declaram que eles têm feito atividades escolares em casa é maior (94%) do que entre os residentes com estudantes de escola pública (89%). Esta diferença pode ser justificada, em grande medida, tanto pela maior parcela de alunos de escolas públicas que não têm recursos técnicos e financeiros para dar continuidade ao estudo de forma não presencial, quanto pela preocupação das escolas particulares em manter a prestação de serviços para a manutenção do pagamento das mensalidades. (Unicef, 2020).

Diante desse contexto, fica evidente que crianças e adolescentes tiveram que lidar com o isolamento social, a mudança da rotina, o medo constante de adoecimentos e mortes de pessoas queridas, incertezas, desesperança e sem expectativa de quando tudo “voltaria ao normal”. As respostas a esse enfrentamento foram variadas e individualizadas, e algumas delas acabaram por envolver sintomas e comportamentos disfuncionais, tais como ansiedade, abuso de substâncias ou mudanças comportamentais (Silva; Rosa, 2021).

Outro aspecto importante, que vale ser apontado, é que em cenários pandêmicos, de isolamento social, fala-se o tempo todo de um retorno ao normal e da possibilidade de um novo normal. Mas, afinal, o que é esse “normal”? De acordo com a etimologia (Normal, 2008), a palavra normal vem de norma, decorrendo daí a ideia de “de acordo com as normas”. Essa ideia faz crer que antes da pandemia, as pessoas viviam com uma certa regularidade. Viver dentro das normas, produzindo e alimentando as rotinas, com previsibilidade, daria conforto e segurança. Após dois anos de pandemia, voltar ao "normal" quer dizer, pensar em um “novo normal”, com novas possibilidades de compreensão do momento presente, das novas exigências e rotinas deste novo contexto e com a incorporação de novos hábitos, exigidos pela vivência da pandemia.

A pandemia da Covid-19 trouxe consigo enormes desafios para o setor da educação, no Brasil e no mundo, exigindo a implantação rápida de adaptações. Da mesma forma que a ida do presencial para o remoto trouxe consequências e impactos, é de se esperar que o retorno ao ensino presencial também tenha trazido uma série de desafios. Partindo dessa ideia, é de suma importância refletir sobre o retorno às aulas presenciais durante a pandemia, em um “novo normal” (Oliveira et al., 2020). Dessa forma, faz-se necessário interrogar sobre as repercussões pós-Covid-19 e a volta dos adolescentes à escola e ao “novo normal”, já que estes foram afetados pelas mudanças de rotina, fechamento de escolas, falta de interação social, entre outras alterações de vida. A importância e atualidade do tema são reificados por notícias de reações sintomáticas de crianças e adolescentes nas escolas, tais como as situações veiculadas por canais de notícias sobre o surto coletivo de ansiedade em uma escola do Recife (TSF, 2022), o que retrata a deterioração da saúde mental e a vulnerabilidade psicológica para lidar com o contexto escolar presencial, que exige certas habilidades que não foram necessárias durante o isolamento, especialmente em função do contato com pares e demais pessoas.

Acredita-se que a compreensão de tais impactos no comportamento e vivência de adolescentes torna possível a proposição de estratégias de prevenção e intervenção em um problema que atravessou e impactou a sociedade atual. Para contextualizar e fundamentar esta discussão, bem como fornecer elementos que auxiliem na análise dos dados obtidos com a pesquisa realizada, segue uma breve revisão da literatura sobre aspectos relevantes a esse tema, a saber: 1) a escola, a vivência escolar e a pandemia; e 2) o retorno presencial à escola. Por fim, há uma descrição da metodologia adotada na condução da pesquisa e são apresentados e discutidos os resultados obtidos com as entrevistas realizadas.

2 A ESCOLA, A VIVÊNCIA ESCOLAR E A PANDEMIA

A vivência escolar de adolescentes foi afetada de forma significativa, em razão dos impactos gerados pela pandemia e pelo isolamento. Nesse “novo normal”, os alunos que retornam de um longo período de desenvolvimento no qual a convivência com pares foi drasticamente reduzida e a forma de ensino alterada, têm apresentado, em muitos casos, uma grande dificuldade de adaptação ao retorno das atividades presenciais. É importante salientar que as instituições de ensino são, inclusive, locais de encontro e interação social, fatores de extrema relevância no desenvolvimento de crianças e adolescentes e, dessa forma, o fechamento das escolas afeta consideravelmente suas relações sociais.

É importante destacar a relação existente entre isolamento social e adoecimento mental (Almeida et al., 2021; Silva; Rosa, 2021; Cruz et al., 2021). Cabe aqui considerar a importância do que é chamado continuidade interpessoal, conceito que explicita a importância de se manter os vínculos sociais para a manutenção da saúde mental e da resiliência (Cruz et al., 2021).

O isolamento social constitui um importante fator de risco para o surgimento e manutenção de sofrimento psicológico, pois impacta diretamente a saúde mental das pessoas (Cruz et al., 2021). O ensino se dava através de aulas presenciais, e não sendo mais possível esta modalidade, devido ao isolamento social, as instituições buscaram soluções práticas para o enfrentamento desses novos desafios, conter o contágio da Covid-19 e continuar uma rotina escolar à distância (Almeida; Jung; Silva, 2021).

As plataformas digitais e mídias sociais mostraram-se como aliados de muitos nesse momento tão angustiante, tendo em vista que foram ferramentas fundamentais para a comunicação entre adolescentes e suas famílias, com a escola e professores. Corroborando a esta ideia, Wandscheer (2020, p. 237) afirma que o “ensino remoto, é algo totalmente novo, com poucas escrituras a respeito, o qual vem atender uma educação num cenário exigido pela sociedade em isolamento social”. Desta forma, o ensino remoto trouxe uma nova maneira de convívio social e aprendizado, o cenário educacional transformou-se na tentativa de acompanhar as mudanças repentinas trazidas pelo fechamento das escolas.

Além dos impactos emocionais e físicos, a quarentena afetou também a aprendizagem de crianças e adolescentes (Silva; Rosa, 2021; Brasil, 2021). A necessidade de agir rápido para que crianças e adolescentes não ficassem sem aulas levou a diferentes formas de adaptação, de modo que com a implementação do ensino remoto, alunos e professores tiveram que se adaptar rapidamente a essa nova modalidade, mas muitos deles, sem nenhum tipo de condições ou formação adequada para isso (Flexa; Sá, 2021; Brasil, 2021).

Durante todo este período ocorreram inúmeras mudanças que impactaram diretamente na dinâmica das relações interpessoais, já que a escola “adentrou” às casas e se misturou a ponto de termos uma crise identitária que afetou muitos estudantes. Vale ressaltar que a casa se tornou a escola, os pais tornaram-se mediadores do aprendizado dos filhos e professores se reinventaram para acompanhar as tecnologias. Segundo Oliveira, Silva e Silva (2020) o sistema de ensino se viu na urgência de se transformar para acompanhar as mudanças e novas demandas na educação, em um contexto de insegurança e imprevisibilidade.

Neste tempo de pandemia no qual é preciso educar na incerteza e urgência, Oliveira et al. (2020) relatam que:

A sala de aula, por ora fechada, já não pode ser entendida apenas como espaço físico, com alunos e carteiras enfileiradas ou em círculo. Na prática, esse cenário tem inquietado professores, familiares e gestores, que tentam dar continuidade ao processo educacional, mediados pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial, as digitais. Entra em cena, o ensino remoto emergencial, que exige que gestores, coordenadores e professores se posicionem e ajam na intenção de adaptar conteúdos curriculares, dinâmicas de sala, até avaliações, visando dar continuidade às aulas, mediados por tecnologias digitais. (Oliveira et al., 2020, p. 27-28).

Coelho (2022) aponta que a pandemia da Covid-19 alterou a vivência presencial para online nos espaços educacionais, sobretudo nas questões socioemocionais das pessoas, que se viram distantes de tudo e de todos. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os estudantes perderam aproveitamento durante o ensino remoto, de tal forma que aprenderam, em média, menos de 40% das disciplinas de português e matemática (Brasil, 2021). Tais impactos são ainda mais expressivos quando consideramos as diferenças entre escolas públicas e privadas. As escolas públicas ficaram fechadas por mais tempo, e durante o ensino remoto, enfrentou-se dificuldades como a falta de acesso dos alunos à tecnologia necessária, aprofundando a desigualdade já existente (Brasil, 2021). Destaca-se, também, as desigualdades sociais que acabaram por dificultar ainda mais o acesso ao ensino para muitas crianças e adolescentes, em função de dificuldades com acesso à internet e a equipamentos eletrônicos adequados para que acompanhassem as atividades escolares, além de um ambiente adequado para dedicar-se e concentrar-se nos estudos. Desse modo, ainda que o retorno às aulas presenciais fosse muito esperado, toda uma lógica de estudo e participação nas aulas foi profundamente alterada, e o que tem se observado, é que assim como o ensino remoto exigiu paciência e adaptação, o mesmo terá que acontecer com a volta à escola e a retomada das aulas presenciais.

3 O RETORNO PRESENCIAL À ESCOLA

As aulas presenciais ficaram suspensas entre março de 2020 e maio de 2021. A medida foi essencial para o controle e redução da transmissão do novo coronavírus, reduzindo os riscos para a comunidade escolar em um contexto marcado por uma transmissão comunitária elevada (Unicef, 2021). Os protocolos para o retorno seguro passaram a adotar algumas medidas de proteção, como o uso de máscaras, higienização contínua das mãos, distanciamento social, entre outros, para que o risco de transmissão fosse o menor possível (CDC/EUA, 2021).

O ambiente no retorno às aulas necessitou de alguns enfrentamentos devido ao distanciamento social. Segundo Almeida et al. (2021), uma pesquisa realizada com 56 docentes

demonstrou que 91,1% acreditam na importância de trabalhar questões comportamentais em sala de aula. Os participantes compreendem que isso será relevante para a reaproximação entre docentes e estudantes e poderá suavizar a lacuna de tempo longe do ensino presencial. Os resultados da pesquisa mostram que 89% pretendem aproveitar algum método ativo de ensino e aprendizagem na pós-pandemia. Ainda no estudo conduzido por Almeida et al. (2021), observou-se que dentre as demandas trazidas pelas famílias à escola, dois aspectos ganharam destaque: preocupações com a aprendizagem das crianças e outras relacionadas a manifestações de ansiedade.

Ademais, desconforto emocional, medo, ansiedade, dificuldades nas interações sociais e alterações no comportamento são alguns dos impactos que tem se evidenciado no ambiente escolar. Ressalta-se que a vivência constante de situações que incitam sentimentos de medo, ou mesmo o trauma, pode desencadear repercussões que se estendem até a vida adulta do sujeito ou elevando as chances de transtornos de ansiedade, obsessivos-compulsivos, somatização e depressão (Mangueira, et al., 2020).

Corroborando com essa perspectiva, achados de Carrabba et al. (2021) apontam que casos de dificuldade de interação social com professores e/ou colegas, embotamento afetivo, comportamento retraído, problemas de aprendizagem, baixa autoestima e negligência parental foram os principais aspectos observados na reinserção de alunos de 8 a 11 anos no ambiente presencial.

Estes achados apontam para a necessidade de se investir em novos estudos que abordem e se dediquem à compreensão dos impactos do retorno às aulas presenciais, no contexto da pós-pandemia e do “novo normal”. Como afirma Gatti (2020), é importante que se pense a respeito do legado deixado pela pandemia, o que ficará na vida das pessoas quando a pandemia passar. Isso significa pensar se a humanidade caminhará na “direção de transformações nas formas de conceber a vida, os valores, de relacionar-se, trabalhar, produzir, consumir e educar” (p. 29). O que já tem se observado nas escolas, no tocante à vivência dos alunos no retorno às aulas presenciais, não deixa dúvidas de que reflexões que envolvam a compreensão do que a pandemia deixou como registro na vida de adolescentes, e de como isso tem modelado e definido as novas relações estabelecidas com e na escola, são imprescindíveis e urgentes. É exatamente neste cenário que se inseriu este estudo.

4 METODOLOGIA

Para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados foi realizada uma pesquisa qualitativa, que segundo Deslauriers, Kérisit e Minayo (2008), permite entender as relações, interpretações e opiniões, produto das interpretações presentes nas interações sociais. Flick (2004) afirma que na abordagem qualitativa os objetos são estudados em sua complexidade, considerando o seu contexto diário e os campos de estudo são as práticas e as interações dos atores sociais na vida cotidiana, o que parece apropriado para o que se pretende neste estudo.

Participaram do estudo quatro professoras e uma coordenadora pedagógica de escolas privadas da cidade de Belo Horizonte, que lecionam e têm experiência no contato e manejo de adolescentes entre 12 e 17 anos. As participantes foram localizadas e contatadas individualmente, a partir da rede de contatos das próprias pesquisadoras. O critério de inclusão no estudo foi ter atuado como professora ou coordenadora pedagógica do segmento educacional que envolve alunos da faixa etária indicada, antes, durante e depois da pandemia. O quadro 1, a seguir, apresenta as principais características das participantes.

Quadro 1 - Caracterização das entrevistadas

Participante	Idade	Cargo
Entrevistada A	43	Professora
Entrevistada B	30	Professora
Entrevistada C	50	Coordenadora
Entrevistada D	45	Professora
Entrevistada E	47	Professora

Fonte: Dados da Pesquisa

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, conduzida a partir de um roteiro, que buscou interrogar acerca de como foi o retorno às aulas presenciais; o surgimento de comportamentos desadaptativos/disfuncionais por parte dos alunos; como foi o aprendizado e a apreensão dos conteúdos; bem como quais foram os maiores desafios do retorno às aulas presenciais. As entrevistas foram agendadas conforme disponibilidade de cada participante, foram realizadas por meio de plataformas digitais de comunicação, tiveram duração média de 40 minutos e aconteceram entre os meses de março e maio de 2023. Cumpre destacar que as entrevistas foram gravadas em material de áudio e/ou vídeo, com a devida autorização e consentimento das participantes, para que pudessem ser transcritas para análise posterior.

No que tange à análise desse tipo de entrevista foi necessária, a partir de sua transcrição, que fosse feita uma espécie de segmentação da fala das entrevistadas, reduzindo-as em unidades de significação, para que fosse possível realizar a análise de conteúdo. Esse procedimento de interpretação permitiu que fosse feita uma articulação entre as unidades, possibilitando a formulação de hipóteses explicativas e relevantes para o estudo. Faz-se importante ressaltar que de acordo com Bardin (1979, p. 42), a análise de conteúdo caracteriza-se como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Por fim, no que diz respeito aos aspectos éticos dessa pesquisa, por se tratar de uma pesquisa realizada com seres humanos, o presente projeto foi submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas. Além disso, todas as participantes deram seu consentimento de participação no estudo por meio da assinatura eletrônica do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que lhes foi enviado por e-mail ou Whatsapp, conforme preferência da participante.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No intuito de alcançar os objetivos de pesquisa, os dados coletados nas entrevistas com as profissionais foram examinados e tratados através da técnica denominada “Análise de Conteúdo” (Bardin, 1979), que busca atribuir sentido aos dados. Com essa finalidade, as falas das entrevistadas foram transcritas, lidas e interpretadas a partir de unidades de significado, que em um momento seguinte foram reunidas e definidas em categorias. Deste processo emergiram três categorias de análise: 1. Comportamentos desadaptativos e disfuncionais, 2. Maiores dificuldades no retorno às aulas presenciais e 3. Habilidades afetivo-emocionais e sociais durante a pandemia, que são apresentadas e discutidas a seguir.

5.1 Comportamentos desadaptativos e disfuncionais

O comportamento é considerado disfuncional quando extrapola ao entendido como padrão ou ao que é esperado. Disfuncionais estamos todos, em algum momento de nossas vidas, em relação a algum tema vigente. Ou seja, nossas disfunções aparecem à medida que uma

demonstração de habilidade é exigida em um dado momento (Almeida, 2008). A partir dessa categoria de análise foi possível identificar que muitos foram os comportamentos disfuncionais observados no retorno às aulas presenciais, no pós-pandemia. As entrevistadas apontaram que têm percebido uma grande dificuldade relacional entre os alunos, de maneira que evitam interação entre si, além de outros aspectos como a vergonha de tirar a máscara para não expor o rosto, bem como evitar atividades grupais. Esses apontamentos podem ser observados em um trecho da fala da entrevistada B:

O principal que eu vejo aqui é o não conseguir se relacionar mais. Isso eu acho que hoje é o que eu enfrento aqui. Não sei outras realidades. E o menino não se mostrar, essa questão da máscara, quer dizer, a gente já está quase no meio de ano 2023 e menino com máscara sem estar doente. Por exemplo, tem aluno que não consegue receber um abraço mais, esses mesmos não participam de excursão mais, de atividades de campo, pedem pra fazer trabalho sozinhos, etc. (Entrevistada B).

Outro aspecto apontado por uma das entrevistadas e que reforça o surgimento de comportamentos desadaptativos no contexto de sala de aula pós-pandemia foi a dificuldade em seguir regras e de ter concentração e atenção por parte dos alunos, bem como a falta de empatia e falta de paciência com os colegas, de maneira que a agressividade está mais manifesta e visível. Isso fica evidenciado em sua fala:

O lance de não conseguir mais respeitar regras, concentrar. Todo o processo mesmo, que acontecia na escola, de conseguir se sentar e prestar atenção, de ter empatia, muita agressividade, falta de paciência com o colega, o ato de copiar acabou, reclamam que o braço está cansado. (Entrevistada D).

Em contrapartida, a entrevistada C destacou não ter percebido comportamentos específicos da pandemia. Ela ressaltou que mudanças de comportamento sempre aconteceram, sobretudo no período da adolescência.

Alguns comportamentos/posturas que seja especificamente na pandemia, eu não percebi. A mudança de comportamento, sobretudo na adolescência, muda muito, mudanças de comportamento sempre aconteceram, então não considero ser específico da pandemia, sempre houve. (Entrevistada C).

A análise dessa categoria sinaliza que, de fato, a pandemia influenciou no surgimento de comportamentos disfuncionais em crianças e adolescentes e isso se mostrou das mais variadas formas nas falas das entrevistadas, desde os impasses em se relacionar com o outro, a dificuldade em mostrar o rosto, a agressividade e falta de empatia, até a dificuldade em respeitar as regras da sala de aula e se concentrar nas aulas. Isso pode ser explicado por uma ponderação

feita pela Fiocruz (2020), que aponta que a mudança na rotina e o fato de não poderem ter contato com outras pessoas, além daqueles que moram em sua casa, é um agravante no aumento da ansiedade e agitação de crianças. O acesso livre e sem controle a celulares, tablets e televisão, junto com o fato de estarem constantemente expostas a um excesso de informações, somado ao estresse dos adultos ao seu redor, pode fazer com que elas, por serem menores e não saberem lidar com emoções, também acabem ficando ansiosas e agitadas (Fiocruz, 2020). A partir do exposto, observou-se o surgimento de muitas dificuldades no retorno às aulas presenciais, assunto que será tratado na próxima categoria.

5.2 Maiores dificuldades no retorno às aulas presenciais

Como foi mencionado anteriormente, o contexto pós-pandemia tem se mostrado desafiador para os alunos e isso extrapola a dimensão do aprendizado e a apreensão de conteúdos, já que muitos outros aspectos que envolvem o retorno às aulas presenciais mostram-se desafiadores, tais como ter responsabilidade e disciplina com os estudos, a convivência com os colegas, entre outros. Isso é possível ser observado na fala das entrevistadas D e E, que destacam a rotina dos alunos como um dificultador vivido na volta às aulas presenciais, pois a maioria deles já tinha se adaptado/organizado uma nova estrutura e rotina de estudos em casa:

Acordar cedo é o principal, ter responsabilidade, escrever, lidar com o outro, lidar com a diversidade, eles desaprenderam a trabalhar em equipe, ser solidário com o outro, concentração, foco e o principal deles é lidar com o outro, eles desaprenderam (Entrevistada D).

A dificuldade de se adaptar à rotina, à disciplina. Eles ficaram um ano e meio com grande liberdade, com o tempo e aí agora ele tem que entender que ele tem que ter uma outra rotina assim, de horário, de largar o celular. Então, essa rotina ali de adaptação, eu acho que é bem desafiador para eles. (Entrevistada E).

Um outro apontamento importante foi o uso constante dos eletrônicos, no contexto da sala de aula, fato que antes da pandemia não era tão presente e passou a ser um problema no retorno às aulas presenciais, gerando dificuldade para os professores no manejo dos alunos, como pode ser observado nas afirmações de uma das entrevistas:

A necessidade de administrar tudo isso assim de, por exemplo, tirar o vício do celular, o celular é enlouquecedor, principalmente para os alunos mais velhos, para o ensino médio, você não consegue tirar o celular da mão deles, eles ficam naqueles joguinhos, uma coisa assim, absolutamente inacreditável. Eles ficam 6 horas, 10 horas do dia fazendo isso, é uma loucura, é muito vício, o vício do celular para mim, hoje, é o mais difícil. (Entrevistada E).

Estes achados dialogam com as ideias de Stolarski (2022), que aponta que assim como o Ensino Remoto Emergencial necessitou de adaptação, principalmente no tocante ao emocional das pessoas, o retorno ao presencial também necessitou de calma, readaptação, diálogo, empatia, compreensão por parte de todos os envolvidos, tendo em vista que muitas foram as dificuldades e desafios observados pelas professoras entrevistadas no retorno às aulas presenciais, dentre eles: dificuldades na adaptação à nova rotina, dificuldades em se desvincular do celular, dificuldades com a escrita, a falta de foco e concentração e, principalmente, a falta de habilidades em se relacionar com o outro. Assim, evidencia-se que o que foi observado com os resultados deste estudo, convergem com apontamentos encontrados na literatura, tais como os de Stolarski (2022).

5.3 Habilidades afetivo-emocionais e sociais durante a pandemia

As habilidades afetivo-emocionais e sociais durante a pandemia foram aspectos citados por todas as entrevistadas. Elas concordam que esses aspectos foram as situações mais desafiadoras vividas pelos alunos e que os mesmos tentavam, cada um à sua maneira, ter autonomia para realizar as atividades escolares diante do contexto pandêmico, o que fica explicitado nas falas das entrevistadas A e C:

Percebi muito este aspecto. O que mais atrapalhou os alunos foi a parte emocional. Percebi que o déficit na aprendizagem passou a ser gigantesco. Reitero que alguns alunos conseguiram melhorar mais o desempenho escolar, porém, muitos não conseguiram dar conta, principalmente por causa da parte emocional (Entrevistada A).

As crianças que tiveram contato com outros alunos (alunos do condomínio) tiveram um privilégio, pois era um condomínio grande, com uma grande área verde, piscina etc. Quando retornaram para o presencial perceberam uma grande dificuldade de se relacionar, crianças muito individualistas, egoístas, que não sabiam se enturmar, crianças mais “agressivas” (Entrevistada C).

Esse foi um fator tão expressivo durante o isolamento, de maneira que ainda no momento presente, as habilidades afetivo-emocionais e sociais mostram-se defasados nos adolescentes, prejudicando-os em diversos aspectos das suas vidas, sobretudo, nos aspectos relacionais. Nas palavras da entrevistada D, isso fica evidenciado:

Durante a pandemia você via, tristeza, raiva, compulsividade, agressividade, raiva, a pandemia trouxe isso tudo. Eu percebi isso nos meus alunos e nos meus filhos. As

relações também ficaram muito pesadas entre as famílias, pois nesse período os familiares aprenderam a lidar uns com os outros e até mesmo se conhecerem (Entrevistada D).

O relato das entrevistadas explicita que a pandemia influenciou a aquisição e manutenção de habilidades afetivo-emocionais e sociais. Esses achados estão em consonância com as ideias de Nabuco, Oliveira e Afonso (2020), que afirmam que durante a crise de saúde ocasionada pela pandemia de Covid-19, diversos fatores podem ser apontados como estressores e têm impacto direto na saúde mental dos indivíduos. Dentre eles, destacam-se o isolamento físico, medo da infecção, duração prolongada da pandemia, solidão e redução das interações sociais. Para os adolescentes, esses sentimentos podem se apresentar com maior intensidade por meio da ansiedade, preocupação e até mesmo da depressão.

A partir da análise dos dados obtidos no presente estudo, observou-se, a partir da fala das entrevistadas, que convergiram com apontamentos descritos por autores e pela literatura da área, que, de fato, houve prejuízos significativos no âmbito comportamental, relacional, de aprendizagem e habilidades afetivo-emocionais e sociais de crianças e adolescentes no retorno às aulas presenciais após a pandemia do Covid-19. Pode-se pensar, então, que diferentes estratégias precisarão ser pensadas e implementadas (se é que ainda não estão sendo pensadas e implementadas) pela escola e pelas famílias, de modo a lidar com os desdobramentos, sejam negativos ou positivos, da vivência da pandemia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou identificar e mapear os efeitos/impactos do “novo normal” pós-pandemia, no tocante à vivência escolar de adolescentes entre 12 e 17 anos, na percepção de professores e/ou coordenadores pedagógicos, através da análise dos conteúdos obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os profissionais atuantes no contexto escolar. A realidade atual do retorno às aulas presenciais por parte dos adolescentes, os comportamentos manifestos por estes no contexto do retorno às aulas presenciais, bem como os maiores desafios e dificuldades encontrados por adolescentes nesse retorno foram aqui apresentados por meio de formulações teóricas e discutidos com base nos dados trazidos pelas profissionais entrevistadas.

A partir dos dados e informações obtidas nesse estudo, foi possível observar que houve o advento de variados comportamentos manifestos por parte de adolescentes no retorno às aulas presenciais, como a dificuldade na interação social, a agressividade com o colega, o uso

desnecessário da máscara, a dificuldade em seguir as regras e orientações da escola e dos professores, o uso constante do celular dentro da sala de aula, entre outros.

No que diz respeito aos maiores desafios e dificuldades encontrados por adolescentes no retorno às aulas presenciais, concluiu-se que eles são muitos, sobretudo na apreensão de conteúdos e, principalmente, no aspecto relacional, considerando que o retorno às aulas presenciais trouxe consigo o contato e a convivência entre os estudantes em um ambiente físico e real.

Entretanto, assim como em outras pesquisas, também nesta não se pode desconsiderar o fato de que algumas limitações ou características da forma com que o estudo foi conduzido podem ter influenciado os resultados encontrados. Por exemplo, o fato de todas as entrevistadas serem do sexo feminino e trabalharem em instituições de educação privada. Ainda que se tivesse como intenção inicial que homens também fossem entrevistados, assim como professores/coordenadores atuantes em escolas públicas, não se conseguiu acesso a estes públicos no tempo destinado à coleta de dados da pesquisa. Logo, não se pode desconsiderar que os resultados aqui discutidos poderiam ser diferentes (ou não), caso homens e docentes de escolas públicas também tivessem sido ouvidos sobre suas experiências. Mas como não o foram, não se sabe. Sugere-se, então, que novos estudos sobre o tema sejam empreendidos e envolvam estes diferentes públicos.

Os resultados aqui apresentados e analisados demonstram a importância de conhecer e compreender como os adolescentes foram afetados pela pandemia da Covid-19, quais as principais consequências desta vivência, pelo menos no âmbito escolar, e levam a fomentar discussões fundamentais para o enfrentamento do atual contexto gerado pela pandemia, bem como de futuras crises sanitárias que podem afetar a humanidade. Destaca-se, desse modo, a necessidade de envidar outros estudos que busquem compreender as particularidades da vivência dos adolescentes, sobretudo em um contexto de mudanças e adaptações, ampliando a discussão para além do contexto escolar.

Sendo assim, cabe à Psicologia a análise e o estudo do comportamento desses estudantes, bem como ampliar o acesso à informação aos profissionais e contribuir para a capacitação dos mesmos nesses contextos, para adequado entendimento e manejo dos alunos e de suas demandas. Ademais, cabe ao psicólogo o estudo dessas relações e contextos de vulnerabilidade psicossocial, além de uma escuta atenta para conseguir auxiliar o sujeito que está passando por uma dificuldade pós-pandemia. Ressalta-se, ainda, o quão benéfico pode ser um acompanhamento próximo e dedicado por parte de um profissional da Psicologia junto aos alunos que estão vivenciando o retorno às aulas presenciais, visto que se trata de uma

experiência cheia de complexidades e meandros que afetam diretamente a vida dos adolescentes que estão inseridos nesse contexto. Não há dúvidas de que a pandemia deixou um legado que ainda não conhecemos em sua totalidade. Este estudo abordou alguns dos efeitos desta vivência, mas, mais do que isso, apontou para a necessidade e importância de, como psicólogas, estarmos atentas a outros desdobramentos e impactos, de modo a não desconsiderar a ideia de que um evento como a pandemia da Covid-19 não passa em branco, marcando a todos e a cada um. Que fique o registro de que frente a vivências como esta, a retomada da vida de “antes”, depois do “evento”, sempre exigirá ajustes, vividos com maior ou menor dificuldade, a depender de cada sujeito. Que a Psicologia possa acolher a isso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R.; JUNG, H. S.; SILVA, L. Q. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. *Práxis*, Novo Hamburgo (RS), a. 18, n. 3, p.96-112, set./dez.2021.

ALMEIDA, P. R.; LUZ, C. B. S.; JUNG, H. S.; FOSSATTI, P. Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. *Revista Actualidades Investigativas en Educación*, v. 21, n. 3, p. 1-36, 2021.

ALMEIDA, T. Reflexões sobre as nossas disfuncionalidades, seu manejo e suas repercussões na convivência. *Revista de Psicopedagogia*, São Paulo, v. 25, n. 76, p. 75-77, 2008.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BRASIL, Câmara Municipal. Decretos Municipais. Disponível em: <[https://www.cmbh.mg.gov.br/covid-19/decretos-municipais#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2017.334%2C%20DE%2020%20DE%20ABRIL%20DE%202020,-\(Declara%20estado%20de&text=Declara%20a%20partir%20de%204,agente%20coronav%20C3%ADrus%20%E2%80%93%20Covid%2D19](https://www.cmbh.mg.gov.br/covid-19/decretos-municipais#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2017.334%2C%20DE%2020%20DE%20ABRIL%20DE%202020,-(Declara%20estado%20de&text=Declara%20a%20partir%20de%204,agente%20coronav%20C3%ADrus%20%E2%80%93%20Covid%2D19)>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel de casos de doenças pelo coronavírus. 2020a. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

BRASIL. Senado Federal. Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público. Agência Senado, 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

CARRABBA, J. H.E. et al. O retorno de crianças de séries iniciais e os reflexos da pandemia. *Cesuca*, Cachoeirinha, Nov/2021. Disponível em: <<https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/2055>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

CDC - Center for Disease Control and prevention. Science Brief: SARS-CoV-2 and Surface (Fomite) Transmission for Indoor Community Environments. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/more/science-and-research/surface-transmission.html>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

COELHO, K. T. B. Convívio no ambiente escolar pós-pandemia: perspectivas e experiências com a volta às aulas presenciais. UFPR, Bragança, Nov/2022. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/bitstream/prefix/4777/1/TCC_ConvivioAmbienteEscolar.pdf. Acesso em: 26 de fevereiro de 2023.

CRUZ, D. A. et al. Institucionalização e isolamento social: reflexões acerca da saúde mental de crianças e adolescentes. In: Maria Cristina Zago (Org.). Saúde Mental no Século XXI indivíduo e coletivo pandêmico. Guarujá: Científica Digital, 2021, p. 166-177.

FLEXA, N. S.; SÁ, N. M. C. As crianças e adolescentes e os desafios de educar na pandemia. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 446-461, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/v14.n2.2021.1133.p446-461>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GATTI, B. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. Estudos Avançados, n. 34, v. 100, 2020, p. 29-41.

MANGUEIRA, L. F. B. et. al. Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4919>>. Acesso em: 04 de março de 2023

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NABUCO, G.; PIRES DE OLIVEIRA, M. H. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela Covid-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 12 set. 2023.

NORMAL. [S.L.: s.n.}, 2008. Disponível em:<<https://www.dicionarioetimologico.com.br/normal/>>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

OLIVEIRA, K. K. C. M. et al. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. Anais VII CONEDU-Edição Online. Maceió-AL, 2020.

OLIVEIRA, S. S., SILVA, O. S., SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: Implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. Interfaces Científicas - Educação, 2020. doi: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40>.

OLIVEIRA, V. C. et al. De repente 4.0: mudanças de paradigma educacional em tempo de pandemia. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Disponível em: <<https://editorailustracao.com.br/livro/desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia>>.

Acesso em: 04 de março de 2023.

Organização Mundial da Saúde. (2020). Saúde mental e considerações psicossociais durante o surto de Covid-19. OMS, 18 de março de 2020. Disponível em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331490>. Acesso em 18 de abril de 2022.

SILVA, A. P.; ROSA, A. R. O impacto da Covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. *Prâksis*, Novo Hamburgo (RS), v. 18, n. 2, mai./ago. 2021.

SILVA, A. P. Repercussões do isolamento social durante a pandemia de Covid-19 no cotidiano de adolescentes 2020. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/39618>. Acesso em: 12 de set. 2023.

SHARMA A., AHMAD F. I., LAL S.K. Covid-19: Uma revisão sobre a evolução, transmissão, detecção, controle e prevenção da nova doença de coronavírus. *Vírus*, v. 13, n. 2, p. 202, 2021. Publicado em 29 de janeiro de 2021.

STOLARSKI, E. A. Ensino Remoto Emergencial e Retorno das Aulas Presenciais: Dificuldades Enfrentadas pela Comunidade Escolar no Município de Carlos Gomes/RS e Estratégias para Amenizar a Situação. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2022. 72f.

TSF rádio notícias. Vinte e seis alunos sofrem crise de ansiedade coletiva. <<https://www.tsf.pt/programa/acontece-no-brasil/vinte-e-seis-alunos-sofrem-crise-de-ansiedade-coletiva-14806614.html>>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

UNICEF. Impactos Primários e Secundários da Covid-19 em Crianças e Adolescentes: Relatório de análise. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/impactos-primarios-e-secundarios-da-covid-19-em-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

UNICEF. Impactos Primários e Secundários da Covid-19 em Crianças e Adolescentes - 3ª Rodada. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14786/file/apresentacao-terceira-rodada_pesquisa_impactos-primarios-secundarios-covid-19-criancas-adolescentes.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

WANDSCHEER, K. T. Ensino Remoto: um caminhar de possibilidades educativas. Cruz Alta: Ilustração, 2020.